A SEMANA QUE O RIO IGNOROU: OUTROS MODERNISMOS...

Leandro Garcia Rodrigues[1]

RESUMO

Neste centenário da Semana de Arte Moderna, inúmeras revisões têm sido feitas no sentido de avaliar este evento de grande importância para a história cultural do Brasil. Sabemos que o Rio de Janeiro não compartilhou muito da proposta modernista que chegava de São Paulo, fato compreensível, já que a então Capital Federal se modernizou por vias e experiências bem diferentes, não seguindo a tendência vanguardista explorada pela intelectualidade paulista. Inclusive, no Rio de Janeiro, organizou-se um importante grupo de escritores modernistas de orientação espiritualista em torno do Centro Dom Vital, instituição que congregava intelectuais e artistas católicos, cuja revista *A Ordem* ajudou a divulgar esta modernidade mais conservadora. Esse "outro modernismo" mais conservador e distante da vanguarda será o objeto analisado neste artigo.

Palavras-chave: Modernismo. Vanguarda. Semana de 22. Rio de Janeiro. São Paulo.

ABSTRACT

In this centenary of the Brazilian "Week of Modern Art," numerous reviews have been made in order to evaluate this event of great importance for the cultural history of Brazil. We know that Rio de Janeiro did not share much of the modernist proposal that arrived from São Paulo. This fact is understandable, since Rio modernized itself through very different ways and experiences, not following the avant-garde trend explored by São Paulo's intellectuals. Even in Rio de Janeiro, an important group of modernist writers of spiritualist orientation was organized around the Dom Vital Center, an institution that congregated catholic intellectuals and artists, whose journal *A Ordem* helped to divulge this more conservative modernity. This "other modernism," more conservative and distant from the vanguard, will be the point critically analyzed in this paper.

Keywords: Modernism. Vanguard. Week of 22. Rio de Janeiro. São Paulo.

1 Doutor em Estudos Literários pela PUC-Rio; realizou pesquisas de pós-doutorado em Estudos Literários (PUC-Rio) e em Teologia (FAJE-BH). Professor de Teoria Literária e Literatura Comparada na Faculdade de Letras da UFMG. E-mail: prof.leandrogarcia@hotmail.com.

O ano de 2022 está sendo singular na história cultural brasileira por conta das diversas efemérides que se celebram: os bicentenários da nossa Independência e do nascimento da imperatriz Teresa Cristina, o centenário de fundação do Partido Comunista Brasileiro, do Tenentismo e da Semana de Arte Moderna, bem como outras comemorações paralelas. Este clima de revisionismo histórico tem provocado defesas apaixonadas e não raras provocações entre alguns pesquisadores, cada um clamando para si a chave de compreensão da nossa modernidade[2]. Fato é que a Semana paulista não foi unânime em termos de aceitação e, na maior parte do país, foi completamente ignorada quando de sua ocorrência. Tal fato ficou claro especialmente no caso do Rio de Janeiro, que praticamente desconheceu os acontecimentos de fevereiro de 1922 no Theatro Municipal de São Paulo, seguindo com a sua própria lógica de modernidade. Aliás, o Rio foi realmente um caso à parte em termos de evolução cultural e histórica, desenvolvendo uma experiência própria de modernidade que não estava alinhada com a receita vanguardista vinda de São Paulo. Inclusive, podemos até mesmo falar de um "modernismo mais espiritualista" e conservador que se praticou na antiga capital federal, por força de algumas instituições tradicionais localizadas naquela cidade, como foi o caso do Centro Dom Vital[3], que foi importante na arregimentação de poetas e escritores modernistas, bem como na divulgação de suas obras. Este artigo quer apresentar e tentar compreender estas particularidades: o não efeito imediato da Semana Futurista de 22 em terras cariocas e as dinâmicas próprias de um certo modernismo mais tradicionalista, tão legítimo quanto a proposta

2 Tais disputas, que considero positivas, pois abrem um saudável debate, têm sido especialmente entre especialistas cariocas e paulistas. Tal situação já era percebida por Mário de Andrade e Manuel Bandeira, no início do nosso Modernismo, que a registraram em sua correspondência. Escrevendo a Bandeira, em 18 de abril de 1924, Mário afirmou: "O que são as vaidades, meu Deus! Essa gente do Rio nunca perdoará a São Paulo ter tocado o sino. Não falo de você. Você já não é do Rio. Você já é como eu: do Brasil". (MORAES, 2000, pp. 201-202). Num outro momento, foi a vez de Bandeira comentar e ponderar com o amigo paulista: "Não creia que haja por cá afastamento, indiferentismo pelos artistas de São Paulo. Ao contrário, desde que eles aparecem são prezados e queridos. Haja vista você, inédito e já de reputação feita aqui. O que há é uma dispersão formidável de metrópole. Não há aqui esse aconchego que permite a província. Por isso mesmo reputo São Paulo um ambiente excepcionalmente propício à cultura: perto do Rio e fora do Rio. Não pertencendo nem à Liga Metropolitana nem à Associação Paulista, estou, como pernambucano qualificado para referir… Já vivi em São Paulo onde cursei o 1o ano da Escola Politécnica (ia estudar arquitetura) e posso dizer: São Paulo é uma coisa e o Rio é uma mistura de coisas onde também a coisa paulista entra" (ibidem, p. 66).

3 Neste ano de 2022, o Centro Dom Vital também comemora o seu centenário. Foi fundado em 1922 pelo escritor e intelectual católico Jackson de Figueiredo, como órgão cultural da Arquidiocese do Rio de Janeiro, cuja missão era fazer o diálogo entre a Igreja e o mundo cultural e político da época.

vanguardista praticada por São Paulo, mas ainda desconhecido e pouco investigado.

I — A SEMANA QUE O RIO IGNOROU

A efeméride do centenário da Semana de Arte Moderna, em algumas de suas revisões e comemorações, tem provocado um verdadeiro ufanismo em relação à experiência paulista. A impressão que temos, ao ler e/ou ouvir certos especialistas, é que aquele evento teve uma repercussão nacional e alcançou os distantes rincões deste vasto país, provocando diferentes manifestações e orientando mudanças e rupturas culturais[4].

É importante lembrar que o Rio de Janeiro, então capital do Brasil, já era uma cidade cosmopolita e desenvolvida, bem complexa e variada na sua constituição. Culturalmente, abrigava as principais entidades culturais do Brasil[5], concentrava a rede de embaixadas estrangeiras creditadas no Brasil, bem como as maiores editoras e livrarias nacionais, os grandes jornais e revistas que circulavam (alguns) nacionalmente. Isso fazia da cidade um verdadeiro centro irradiador de cultura e tendências — vanguardistas ou conservadoras. Em relação às particularidades culturais do Rio,

4 O historiador e crítico de arte Rafael Cardoso, em recente artigo na *Revista de Estudos Avançados* da USP, fez uma importante e aprofundada contestação desse mito ufanista em torno da Semana de Arte Moderna: "Ao longo dos últimos 50 anos, a Semana de Arte Moderna virou uma espécie de unanimidade intocável, quase sagrada. Para alguns, a Semana não se debate; se celebra. O curioso é que nem sempre foi assim. No aniversário de 20 anos do evento, a unanimidade era outra. Já nessa época, a Semana 'parecia pronta para ser enterrada', nas palavras de Francisco Alambert (2012, p. 112). No dia 30 de abril de 1942, Mário de Andrade, voz mais que autorizada, proferiu a conferência 'O movimento modernista' na biblioteca do Itamaraty, no Rio de Janeiro, onde sentenciou: 'Eu creio que os modernistas da Semana de Arte Moderna não devemos servir de exemplo a ninguém. Mas podemos servir de lição' (Andrade, 1974, p. 255). Essa dura condenação tem ecoado de forma enviesada pela historiografia. (...) O notório *mea-culpa* de Mário não foi a primeira condenação da Semana por um de seus integrantes ou apoiadores, e muito menos seria a última. O próprio já havia se distanciado dela em 1924, na revista *América Brasileira*, na qual qualificou a Semana de 'Precipitada. Divertida. Inútil' (Andrade, 1924, p. 115). Em 1929, na *Revista de Antropofagia*, Oswaldo Costa desancou a Semana como 'falso modernismo', entre uma saraivada de recriminações, certamente com o aval de Oswald de Andrade (Tamandaré, 1929, p. 12). Ao longo das décadas seguintes, o evento e sua recepção foram postos em questão por Sérgio Milliet, René Thiollier, Blaise Cendrars, Di Cavalcanti, Yan de Almeida Prado, entre outros. Com tantas críticas e reparos vindos do seio do movimento, cabe a pergunta: em que momento se forjou o mito triunfal da Semana? É comum imaginar que isso só tenha ocorrido em torno das celebrações do cinquentenário em 1972" (CARDOSO, 2022, p. 17).

5 Lembro aqui da Academia Brasileira de Letras, da Academia Fluminense de Letras, da Sociedade dos Homens de Letras, da Sociedade Felipe d'Oliveira, da Biblioteca Nacional, do Centro Dom Vital, do Real Gabinete Português de Leitura, dentre tantas outras entidades.

na década de 1920, é interessante o que Frederico Morais afirmou sobre o universo da pintura e dos pintores, o que nos possibilita — por metonímia — ter uma ideia maior em relação àquele momento cultural:

> O ambiente cultural no Rio, na década de 20, era de uma modorrenta pobreza. Pontificavam ainda os pintores acadêmicos, os quais presos ao tipo de ensinamento ministrado na Escola Nacional de Belas Artes, reagiam a toda inovação. O debate artístico estava reduzido a questões técnicas, à maior ou menor submissão aos cânones do ensino oficial, sendo a preocupação dominante os prêmios anuais de viagens ao estrangeiro concedidos no Salão Nacional. (...) Dez anos antes, Goeldi confessava, também, ao retornar ao país, após longa permanência na Europa, que se sentia mais ou menos como Gauguin na "ilha", chocado com o ambiente social e artístico do Rio. "De fato" — explica José Maria dos Reis Jr., seu biógrafo —, "por volta de 1920, o Cubismo, o Expressionismo, o Dadaísmo, nenhum dos movimentos artísticos que agitaram os centros europeus e cujos corifeus eram familiares de Oswaldo tinham aqui repercussão. Começava-se a falar em Impressionismo". (MORAIS, 1979, pp. 27-28.)

Fato é que, não obstante a complexidade dessa questão levantada por Frederico Morais, devemos lembrar que o conceito de modernidade passava — obrigatoriamente — pelo debate acerca da ideia de nação/nacionalismo, tão em voga naquele momento e potencializado pela comemoração dos 100 anos da nossa Independência. Tal data festiva despertou uma verdadeira onda patriótica em todo o país, as cidades se vestiram de verde e amarelo, as instituições desenvolveram seus programas comemorativos, os governos investiram pesado na organização de feiras, seminários, publicações e exposições. Em 1922, o Rio de Janeiro abrigou vários eventos celebrativos, como a Exposição do Centenário, em parte financiada pelos governos estrangeiros que mantinham relações diplomáticas com o Brasil. Foi neste clima que, em São Paulo, organizou-se a Semana de Arte Moderna, inicialmente chamada de Semana Futurista por alguns jornalistas ainda perdidos em relação ao que realmente significava aquele evento.

A imprensa teve papel relevante na divulgação — ou omissão — da Semana modernista. Uma leitura obrigatória sobre este assunto é o livro *22 por 22:* A Semana de Arte Moderna vista pelos seus contemporâneos, organizado por Maria Eugênia Boaventura (2008). Nesta pesquisa de fôlego, Maria Eugênia compilou as matérias — elogiosas ou não — sobre aquele evento. Todavia, a investigação se deu mais em relação à imprensa paulista, não avançando muito a respeito dos jornais e revistas dos outros estados. É aqui que retorno ao Rio de Janeiro e seu sintomático silêncio em relação à Semana de São Paulo.

A imprensa carioca das primeiras décadas do século passado era bem variada e diversa (o contrário de hoje em dia!), havendo grandes veículos (jornais e revistas) de considerável circulação. Lembro aqui de *O Paiz*, *Gazeta de Notícias*, *Jornal do Brasil*, *Jornal do Commercio*, *Correio da Manhã*, *O Jornal*, *O Imparcial*, *A Manhã* e outros, ainda, de menor porte. E não nos esqueçamos das revistas: *Kósmos*, *A Avenida*, *O Rio Chic*, *Selecta*, *A Semana Ilustrada*, *A Illustração Brasileira*, *Revista da Semana*, *A Rua*, *Renascença*, *O Gato*, *Rio Illustrado*, *Rio Cosmopolita*, *O Rio em Foco*, *O Carioca*, *O Malho*, *A Cigarra* (com maior circulação em São Paulo), *Fon-Fon*, *Don Quixote*, *Para Todos*, *Careta*, *A Lanterna*, *Tagarela* e algumas outras de efêmera existência e circulação.

Destas tantas opções jornalísticas, apenas a revista *Para Todos* publicou um pequeno artigo na edição número 166, de 18 de fevereiro de 1922, trazendo ao público leitor carioca algumas informações a respeito da Semana de Arte Moderna[6]. Até mesmo por este certo caráter de raridade, opto por transcrevê-lo integralmente:

> Semana de Arte Moderna
>
> Teve início, segunda-feira, em S. Paulo, a *Semana de Arte Moderna*, bela ideia de Graça Aranha que encontrou, para realizá-la, o patrocínio dos nomes mais eminentes da cultura do Estado exemplar.
>
> A *Semana de Arte Moderna* consta de uma exposição permanente de pintura, escultura e arquitetura; de concertos de música de câmara, leitura de poemas e páginas literárias e de várias conferências sobre a nova orientação do espírito brasileiro. Graça Aranha disse da emoção na Arte Moderna; Ronald de Carvalho, das últimas tendências da Arte, a propósito das expostas e da música de Villa-Lobos, e Renato de Almeida falou sobre a Filosofia Moderna no Brasil. A Semana é o grande assunto do alto mundo de S. Paulo, e o theatro Municipal esgota a sua lotação, todas as noites.

Percebe-se o alto grau de desinformação do autor deste texto, já que a matéria afirma um enorme equívoco conceitual: de que foi de Graça Aranha a ideia/iniciativa de organizar aquele evento. Sabe-se que Graça Aranha participou da mesma proferindo a conferência "A Emoção Estética na Arte Moderna", mas não foi o seu idealizador e muito menos o seu

6 A bem da verdade, o *Jornal do Brasil* publicou, na sua edição de 14 de fevereiro de 1922, um pequeno release falando do evento cultural paulista: "Começou ontem, em São Paulo, a Semana Futurista, que tem a participação de Mário e Oswald de Andrade e das pintoras Anita Malfatti e Tarsila do Amaral". Vemos aqui um considerável erro, uma vez que Tarsila do Amaral estava em Paris quando da Semana e, portanto, não participou da mesma.

organizador. Devemos a Paulo Prado e ao pintor Emiliano Di Cavalcanti o conceito e a realização da Semana de Arte Moderna, conforme afirmou o próprio Di Cavalcanti no seu livro de memórias *Viagem da Minha Vida* (Tomo I – "O testamento da alvorada"):

> Encontrou-se Graça Aranha na minha exposição com Oswald, Mário, Guilherme e Menotti. Sua habilidade de diplomata, seu savoir faire de mundano, sua autoridade de mais velho agiam como uma música sedutora. Ele prometia unir-nos aos modernistas do Rio, levar o nosso movimento ao Norte e ao Sul de todo o Brasil.
>
> Era preciso uma base econômica para a realização do plano de conferências, exposições e concertos que se projetava nas reuniões da livraria O Livro ou no apartamento de Graça Aranha, na Rôtisserie Sportsman do Largo do Patriarca.
>
> Graça Aranha tinha uma ligação de amizade com Paulo Prado, personalidade que nenhum de nós conhecia e muito menos sabíamos ser um erudito em História do Brasil e um escritor excelente. Graça Aranha explicou quem era Paulo Prado e suas disposições em relação ao nosso movimento. Partindo para o Rio, Graça deu-me um cartão de apresentação a Paulo Prado e fui eu, do grupo modernista, o primeiro a conhecer aquela figura nobre e elegante de civilizado paulista, educado pelo tio Eduardo Prado, por Eça de Queirós, amigo de Claudel, homem que conheceu Oscar Wilde, dançarinas do tempo de Degas e o próprio Degas.
>
> Lá fui eu me encontrar com Paulo Prado na Avenida Higienópolis e, da conversa com aquele grande homem que possuía um passado de vida intelectual e de boa vida parisiaense, nasceu a ideia da Semana de Arte Moderna. (CAVALCANTI, 1955, pp. 114-5.)

Embora longo, fiz questão de reproduzir todo este relato a fim de trazer ao nosso debate esta figura fundamental do nosso modernismo que foi Di Cavalcanti. Pelo seu minucioso relato, percebemos o quanto o articulista da revista *Para Todos* estava equivocado em relação à logística da Semana paulista.

Por fim, estas primeiras considerações (e revelações) demonstram a diversidade do nosso processo de modernidade, o que nos possibilita falar em "modernismos", com uma forte ênfase no plural. Assim, reproduzo aqui uma afirmação de Mônica Velloso, no seu livro *Modernismo no Rio de Janeiro*, que conclui bem o que defendo em relação à identidade e à cultura da antiga Capital Federal:

> Na vida social carioca, as ruas são a arena do confronto, o local do trabalho ambulante, do convívio social, da ajuda mútua e da troca de informações. É nesse espaço que as camadas populares constroem seus canais de participação e de organização. A modernização do Rio de Janeiro não teria produzido uma reestruturação significativa da sociedade, na medida em que esta se mostrou incapaz de proceder a incorporação dos intelectuais e das camadas populares. Estas últimas seriam constantemente identificadas com o "aspecto da desordem", incompatível com a imagem de uma cidade que se pretendia moderna. Enquanto cidade-capital, o Rio de Janeiro viveu de maneira particularmente sensível o clima controverso da instauração da modernidade. Em suma: não foram construídos os canais necessários de participação e expressão social. Esse fato acabou fortalecendo a fragmentação social: as camadas populares passaram a desenvolver seus próprios canais participativos, gerando uma "cidadania paralela". Desta forma, a associação, às vezes involuntária, que frequentemente se estabelece entre os conceitos de *moderno*, *modernidade* e, especialmente, *modernismo*, de um lado, e a experiência paulista de 1922, de outro, acabou produzindo visões demasiado generalizantes. Em decorrência, tem-se as ideias de "pré- modernismo" ou "vazio cultural", que aplicariam ao período da virada do século XIX para o século XX. Nestes conceitos, está subjacente a ideia de um referencial externo: "pré" e "vazio" em relação a quê? (VELLOSO, 1996, pp. 26-27.)

Desta forma, podemos afirmar que o desejo pela modernidade era comum e unânime aos diferentes grupos, mas os caminhos, as opções artísticas e os métodos para alcançá-la foram deveras heterodoxos, criando uma espécie de cisão estética e ideológica entre artistas e intelectuais dessas duas grandes metrópoles — fato este que só enriquece o debate e o resgate histórico que ora se faz sobre a Semana de Arte Moderna e o seu legado.

II — O CENTRO DOM VITAL E UM MODERNISMO CONSERVADOR

Já que falamos das efemérides de 2022, é preciso lembrar que neste ano também comemoramos o centenário de fundação do Centro Dom Vital (doravante, CDV), importante órgão de difusão cultural e acadêmica vinculado à Arquidiocese do Rio de Janeiro. Tendo o CDV uma rica trajetória secular, meu objetivo é pensar um pouco sobre a dimensão literária da sua história — como o órgão atraiu e conviveu com escritores e poetas modernistas de diferentes linhagens ideológicas e estéticas —, problematizando a existência de outros modernismos para além, unicamente, da experiência paulista.

Quando foi fundado, em 1922, o seu objetivo principal era arregimentar a intelectualidade católica ou a outra parcela não (tão) católica, mas que dialogava com aquela. Ainda que não muito divulgada, a produção intelectual católica dos anos 1920 revelou alguns escritores de considerável importância, como Jackson de Figueiredo, Alceu Amoroso Lima, Sobral Pinto, Jônatas Serrano, Perilo Gomes, Hamilton Nogueira, Alcebíades Delamare, Augusto Frederico Schmidt, Murilo Mendes, Jorge de Lima e tantos outros. Além destes em nível nacional, também circulavam por aqui inúmeros literatos católicos estrangeiros, tais como Georges Bernanos, G. K. Chesterton, John Newman, Paul Claudel, Léon Bloy, Jacques Maritain, Charles Péguy, Clarisse Bader, J. R. R. Tolkien, Flannery O'Connor e outros. Estes chegavam ao contexto literário brasileiro via publicações, resenhas, crítica literária especializada, imprensa, correspondência e outras formas de intercâmbio próprios daquela época.

No ano anterior, fora criada a revista católica *A Ordem*, por iniciativa do escritor Jackson de Figueiredo e do então cardeal-arcebispo do Rio de Janeiro, D. Sebastião Leme. Tal revista não publicava apenas textos de temática doutrinária, mas também era aberta à crítica literária e à divulgação cultural. Desta forma, o CDV e a revista *A Ordem* foram passagens obrigatórias do modernismo brasileiro, pelo menos através do seu direcionamento carioca.

Tais fatos exemplificam bem o que aconteceu no Rio de Janeiro: um modernismo mais conservador, alinhado politicamente à direita[7], com algumas aproximações às ideologias fascistas, bem afastado do que propunham as vanguardas artísticas, com diversos representantes ligados ao pensamento católico de então, grupos simpáticos a um certo espiritualismo um tanto panteísta (como a revista *Festa*[8]) e outras opções e práxis literárias que se distanciaram sobremaneira do poema-piada (bem ao gosto

7 Em alguns casos, houve um alinhamento à ultradireita de então, pois sabemos que muitas lideranças do Integralismo e do movimento Patrianovista (de orientação monarquista) foram membros do Centro Dom Vital.

8 A respeito desta publicação, Mário de Andrade fez alguns comentários um tanto céticos, no seu artigo "O grupo de *Festa* e sua significação", publicado no número 6 dessa mesma revista, em março de 1928: "Talvez mesmo devido a preocupações de ordem espiritual um pouco abstrata que o animam, tem um grupo de literatos no Brasil que vai passando por demais na sombra. Esse grupo afinal resolveu chamar a atenção do brasileiro leitor para ele e está publicando uma revista, *Festa*. Faz muito bem. Se mais ou menos ele vivia na sombra, não se pode culpar disso os que viviam chamando a atenção, conseguindo em um momento quase monopolizar a preocupação literária brasileira. (...) A agitação, a vida nova principiou com essa gente. É possível que o pessoal de *Festa* não carecesse do movimento modernista para ser o que é. Mas, é incontestável que viva apagado, numa torre de marfim, muito orgulhosa e isolada" (apud RODRIGUES, 2012, p. 112).

de Oswald de Andrade), do experimentalismo estético e expressivo, do nativismo e da blague, opções próprias da performance paulista[9].

Foi assim que o CDV atraiu os mais diferentes escritores ao seu convívio e contato, inclusive, com estes publicando regularmente nas diversas edições da revista *A Ordem*. Tal aproximação foi mais intensa a partir de 1928, quando o crítico literário Alceu Amoroso Lima assumiu a presidência do Centro, logo após a trágica morte de Jackson de Figueiredo, ocorrida em 4 de novembro de 1928.

Por conta unicamente do limite de extensão deste artigo, opto por compartilhar apenas um exemplo prático dessa aproximação entre os modernistas, o Centro Dom Vital e o universo católico carioca. Foi o caso de Mário de Andrade.

Graças à imensa parcela da sua correspondência já publicada, sabemos que Mário de Andrade foi um correspondente comprometido e contumaz, autor de uma vasta e diversificada obra epistolográfica que foi pensada e construída ao longo de sua vida. Na verdade, o autor de *Macunaíma* utilizou a sua epistolografia como uma oportunidade para a construção de conhecimento e problematização dos mais peculiares assuntos da vida literária e também da sua própria vida pessoal. Dessa forma, Mário de Andrade manteve uma longa e sintomática correspondência pessoal com Alceu Amoroso Lima, já publicada (in RODRIGUES, 2018), que testemunha os principais debates em torno de temas como questões pessoais, religião, a formação de grupos, intrigas próprias do meio cultural de então, política, crítica literária e modernismo artístico. Entretanto, Mário era totalmente contrário à publicação de cartas, as pessoais e aquelas conhecidas como "cartas abertas", algo assaz corriqueiro na imprensa daquele momento; tal iniciativa — das cartas púbicas — era muito utilizada para suscitar polêmicas e debates, alguns acalorados e outros até violentos. Até

9 Na revista *Boletim de Ariel* de agosto de 1935, encontramos um artigo intitulado "A Esquerda e a Direita Literária", de autoria de Miranda Reis, que faz esta constatação: "O palco literário tem, portanto, uma direita e uma esquerda. A família literária está desunida, dividida, bipartida. Há, dentro dela, duas tendências contrárias, dois partidos adversos e não há como furtar-se a gente a uma posição definida, sem incorrer na pecha de oportunista. Enquanto a esquerda insiste no primado do social, a direita sobrepõe ao sentido do social o sentido do humano: que, enquanto a esquerda prega misticamente a revolução, a direita descobre 'a verdadeira mística'; que, enquanto a esquerda deblatera contra as desigualdades e as injustiças sociais, contra a exploração do homem pelo homem, a direita perscruta o 'verdadeiro sentido da vida' e se perde em particularidades, em profundidades, em densidades, em superposição de planos e outras sutilezas; que, enquanto a esquerda critica os preconceitos sociais, a direita, emprestando a um não-sentido, a uma imbecilidade, um sentido profundo, alude ao 'preconceito de não ter preconceito'" (apud RODRIGUES, 2012, pp. 118-9).

onde sabemos, a única carta aberta de Mário de Andrade foi publicada na revista *A Ordem*, periódico que o mesmo admirava e do qual era assinante, a respeito de um artigo anteriormente publicado, o qual deixara Mário realmente contrariado:

> S. Paulo, 17-III-1933
>
> Sr. Tristão de Ataíde, diretor da revista "A Ordem".
>
> No número de janeiro de vossa revista, leio à página 36, a seguinte afirmação a respeito da igreja católica de Porto Velho: "Mas no alto duma elevação, na parte brasileira da cidade e bem perto da vasta loja maçônica, se eleva uma grande igreja em construção, até, por sinal, o escritor Mário de Andrade, passando por Porto Velho, disse que era uma *igreja em ruínas. Isso num artigo em que pretendia provar a decadência do sentimento religioso no Brasil* (o grifo é meu).
>
> Sem fazer ao sr. Publio Dias a injúria de imaginar que pretendeu me injuriar, me dando por mentiroso, o certo é que a frase deturpa o que afirmei, pois parece por ela que o que já fora templo, era agora abandono. Argumento aliás fragílimo para quem pretendesse provar a "decadência do espírito religioso no Brasil", e não apenas estudar de que maneira se manifestava a religiosidade do brasileiro, que foi o que eu pretendi.
>
> Mas, pelo meu texto, v.s. verá melhor o que afirmei: "Quando estive em Porto Velho (em 1927) para conhecer a Madeira–Mamoré, notei na cidade importante e nova, umas ruínas, paredões descobertos e imponentes. *Me falaram* que era a única igreja católica da cidade. *Não foi possível acabar, estava abandonada*, porque a religião local era a protestante" (*Rev. Nova*, n. 3, p. 492)[10].
>
> Resta saber se eu tinha o direito de chamar de ruínas a construção não continuada. Mas v.s. sossegue que não vou lhe fazer nenhuma digressão etimológica sobre o conceito da palavra. Apenas ajunto a esta carta o negativo tirado por mim, do que vi e chamei de ruínas, e de que, seis anos passados, o sr. Publio Dias nos dá notícia de que está em construção outra vez. V.S. terá todo o tempo que exigir para autenticar esse negativo, até que o meu amigo Prudente de Moraes Neto passe por essa redação para buscar um documento que já agora não quero perder.

10 Tal fragmento é parte de um longo artigo escrito por Mário de Andrade e publicado na *Revista Nova*, volume 1, número 3, edição de 15 de setembro de 1931, pp. 485-97. Mário fez uma sintomática análise da obra crítica de Alceu, do seu pensamento estético-religioso e das tradições católicas brasileiras. Mais tarde, Mário incluiu este ensaio no seu *Aspectos da Literatura Brasileira*, com o título "Tristão de Ataíde".

> Sem mais, na esperança de ler no seu mensário esta retificação que me é devida.
>
> Seu muito cordialmente,
>
> Mário de Andrade (RODRIGUES, 2018, pp. 175-6.)

Para uma melhor compreensão desse episódio, Mário se refere ao artigo "Notícia de Porto Velho (Amazonas)", publicado na edição de janeiro de 1933 de *A Ordem*, no qual o médico Publio Dias fez um minucioso relato das condições (precárias) de vida naquela região amazônica. Ao falar sobre as práticas de religiosidade local, assim afirmara:

> Os pretos brasileiros, conservando tradições indo-africanas, se reúnem uma vez por ano numa festa dançante, chamada de Santa Bárbara, em que há uma mistura de ritos cristãos e práticas espírito-fetichistas em que a alma do Caboclo e o Divino Espírito Santo são igualmente invocados. Só muito tarde vieram os padres católicos instalar-se em Porto Velho, onde, de início, não havia nenhum culto. A igreja é um barracão inestético sem nenhum sinal exterior de culto católico, lembrando muito esses templos protestantes brasileiros. Mas, no alto duma elevação, na parte brasileira da cidade e bem perto da vasta loja maçônica (que o bom padre João Nocolletti dizia ser a sede do futuro bispado) se eleva uma grande igreja em construção. Até, por sinal, o escritor Mário de Andrade, passando por Porto Velho, disse que era uma igreja em ruínas. Isso, num artigo em que pretendia provar a decadência do sentimento religioso no Brasil. O que veio reafirmar o pensamento de Blaise Cendrars, de que nada se parece mais com um edifício em ruínas do que um edifício em construção. (DIAS, 1933.)

Por consequência, a carta aberta de Mário de Andrade respondia — publicamente — a estas considerações de Publio Dias, fazendo d'*A Ordem* um espaço democrático para debates, questionamentos, novidades, levantamento de polêmicas, divulgação de novos escritores e poetas, bem como a sua tradicional missão: ser porta-voz dos intelectuais católicos brasileiros (e até estrangeiros), de forma particular, aqueles ligados ao Centro Dom Vital.

Devemos ressaltar que outros importantes nomes da literatura brasileira circularam nesse espaço de divulgação intelectual carioca, além dos já citados: Vinícius de Moraes, Carlos Drummond de Andrade, Murilo Rubião, Octávio de Faria, Lúcio Cardoso, Cornélio Penna, Adalgisa Nery, José Lins do Rego, Jorge Amado, Fernando Sabino, Otto Lara Rezende, Álvaro Lins, Álvaro Moreyra, Lúcia Miguel-Pereira, Agripino Grieco, Otto Maria Carpeaux e tantos outros que hoje figuram no cânone modernista brasileiro — prosa, poesia, teatro e crítica.

CONCLUSÃO EM ABERTO...

A história do modernismo brasileiro é deveras rica para ser enquadrada e compreendida apenas numa perspectiva heroica e, por isso mesmo, canônica. Fruto de diferentes processos de atualização e de modernização do nosso país e da nossa cultura, percebemos as inúmeras "rachaduras" que este movimento teve, o que, na minha opinião, só o enriquece.

Minha abordagem, neste artigo, demonstrou que existiram diferentes projetos de modernidade convivendo num mesmo contexto histórico: uns à esquerda e outros à direita, alguns bem avançados e outros mais conservadores, porém todos concomitantes. Uma investigação honesta, aberta e sem preconceitos ajuda justamente a revelar e desvendar essas particularidades, trazendo a lume os avanços e até as idiossincrasias de um movimento complexo e multifacetado.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Gênese de. *Modernismos 1922-2022*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

AZZI, Riolando. *Os pioneiros do Centro Dom Vital*. Rio de Janeiro: Educam, 2003.

_____. *História da Igreja no Brasil*: Terceira Época 1930–1964. Petrópolis: Vozes, 2008.

BOAVENTURA, Maria Eugênia (org.). *22 por 22*: A Semana de Arte Moderna vista pelos seus contemporâneos. São Paulo: Edusp, 2008.

BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil 1900*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2000.

BULHÕES, Antonio. *Diário da cidade amada Rio de Janeiro 1922*. Volume I. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

CAMARGOS, Marcia. *Semana de 22:* entre vaias e aplausos. São Paulo: Boitempo, 2002.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. São Paulo: Nacional, 1976.

CARDOSO, Rafael. "A reinvenção da Semana e o mito da descoberta do Brasil". *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 36, n. 104, pp. 17-34, 2022.

_____. *Modernidade em preto e branco*: arte e imagem, raça e identidade no Brasil 1890-1945. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

COUTINHO, Afrânio. *A literatura no Brasil*: Era Modernista. São Paulo: Global, 1997.

DI CAVALCANTI, Emiliano. *Viagem da minha vida*: memórias. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1955.

DIAS, Publio. "Notícia de Porto Velho (Amazonas)". *A Ordem*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 35, pp. 34-36, jan. 1933.

GOMES, Ângela de Castro. *Essa gente do Rio...*: modernismo e nacionalismo. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1999.

GONÇALVES, Marcos Augusto. *1922:* A semana que não terminou. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

LIMA, Alceu Amoroso. *Estudos literários I*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1966.

_____. *Memórias improvisadas*. Petrópolis: Vozes, 1973.

_____. *Memorando dos 90*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

_____. *Notas para a história do Centro Dom Vital*. Rio de Janeiro: Educam/ Paulinas, 2001.

LUSTOSA, Oscar de Figueiredo. *A presença da Igreja no Brasil*: história e problemas 1500–1968. São Paulo: Giro, 1977.

MATOS, Henrique Cristiano José. *Nossa História*: 500 anos de presença da Igreja Católica no Brasil. Tomo 3 – Período republicano e atualidade. São Paulo: Paulinas, 2003.

MORAES, Marcos Antônio. *Correspondência Mário de Andrade & Manuel Bandeira*. São Paulo: Edusp, 2000.

MORAIS, Frederico. *Alberto da Veiga Guignard*. Rio de Janeiro: Monteiro Soares, 1979.

MOURA, Dom Odilon. *Ideias católicas no Brasil*: direções do pensamento católico do Brasil no Século XX. São Paulo: Convívio, 1978.

NICOLA, José de; NICOLA, Lucas de. *Semana de 22*: antes do começo, depois do fim. São Paulo: Estação Brasil, 2022.

PARA TODOS [revista]. Rio de Janeiro, 18 fev. 1922, ed. 166.

RODRIGUES, Cândido Moreira. *A Ordem:* uma revista de intelectuais católicos 1934-1945. São Paulo: Autêntica / Fapesp, 2005.

RODRIGUES, Leandro Garcia. *Alceu Amoroso Lima:* cultura, religião e vida literária. São Paulo: Edusp, 2012.

_____ (org.). *Drummond & Alceu*: correspondência Carlos Drummond de Andrade e Alceu Amoroso Lima. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

_____ (org.). *Correspondência Mário de Andrade & Alceu Amoroso Lima*. São Paulo/Rio de Janeiro: Edusp/PUC-Rio, 2018.

SCHWARTZMAN, Simon et al. *Tempos de Capanema*. Rio de Janeiro / São Paulo: FGV / Paz e Terra, 2000.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão*: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

SOARES, Lucila. *Rua do Ouvidor 110*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.

VELLOSO, Mônica Pimenta. *Modernismo no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

VILLAÇA, Antônio Carlos. *O pensamento católico no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.